

Denúncias de exploração sexual infantil crescem 77% em um ano

Notificações de material pornográfico com crianças bateram recorde, diz SaferNet

Lucas Lacerda

SÃO PAULO As notificações de imagens que contêm abuso e exploração sexual infantil, a chamada pornografia infantil, cresceram 77% de 2022 para 2023 e bateram recorde dos últimos 17 anos. E a quantidade mais alta (71.867) deve-se a que a organização SaferNet começou a receber essas denúncias.

Ao todo, os indicadores de violações de direitos humanos e outros crimes, o que inclui a pornografia infantil, também chegaram ao valor mais alto da série e aumentaram 48,7% de um ano para outro, com 101.313 notificações no ano passado.

É o que apontam dados da Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos da SaferNet divulgados nesta terça-feira (6). Os relatos, links e materiais das denúncias, que são encaminhados ao MPF (Ministério Público Federal) para investigação, começaram a ser recebidos em 2006.

De acordo com a organização, os fatores que podem explicar os recortes de denúncias são a introdução da IA (inteligência artificial) gerativa para criar conteúdos de exploração infantil, a proliferação da venda de pacotes de conteúdo autogerado por adolescentes e denúncias em massa nas big techs que atingiram equipes de segurança e moderação das plataformas.

Nesse contexto de IA generativa, o criminoso não precisa enganar ninguém para conseguir uma imagem íntima, ele pode criar uma sintética. Esse crime agora pode ser praticado em escala industrial, afirmou Iain Drennan, diretor-executivo da We Protect Global Alliance no evento Dia da Internet Segura, realizado

nesta terça-feira pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), pelo Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br) e pela SaferNet Brasil.

Para Drennan, há pouco financiamento — público e privado — para a resposta à circulação de abuso infantil. “Há muito peso sendo colocado sobre a sociedade civil, sobre os pais e as crianças, e não deveria ser responsabilidade apenas delas”.

Na lista de crimes denunciados, o que apresentou maior aumento foi o de xenofobia (52%), que passou de 4.530 registros em 2022 para 14.196 em 2023, seguido pela pornografia infantil.

Junto com a xenofobia, também cresceram as denúncias de intolerância religiosa no ambiente digital, de acordo com Thiago Tavares, fundador e diretor-presidente da SaferNet, os dois crimes — o aumento das denúncias — estão ligados à guerra entre Israel e Hamas.

Houve queda nas notificações de racismo (-26,4%), LGTBIfobia (-64,8%) e misoginia (-57,6%), esta caracterizada por conteúdos de violência ou discriminação contra mulheres.

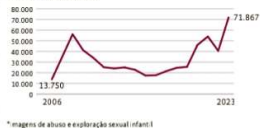
O combate a esses tipos de crime é um dos pontos no extenso debate sobre a regulação de plataformas, em frentes como a exigência de moderação de conteúdo e a mudança de mecanismos que favorecem a propagação de ódio.

O recorde anterior de denúncias de abuso e exploração sexual infantil havia sido em 2008, com uma explosão de conteúdos circulando pelo Orkut, então a rede social mais popular do país. Justamente na época do problema, o Google, então dono da plataforma, assinou

Notificações de crimes na internet batem recorde no Brasil em 2023

Denúncias de pornografia infantil* recebidas pela SaferNet

Número de denúncias por ano



* Imagens de abuso e exploração sexual infantil

Crimes na internet denunciados à SaferNet

Em número de casos por ano



Fonte: Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos da SaferNet

um acordo com o MPF para entregar informações aos criminosos às autoridades.

Os outros picos da distribuição deste tipo de conteúdo ilegal foram em 2002 e 2021, período das fases mais restritivas da pandemia, que tiveram aumento das interações virtuais e de exposição em ambientes digitais, o que elevou também a quantidade de denúncias.

SaferNet

Pornografia infantil agora pode ser praticada em escala industrial

Iain Drennan
diretor-executivo da
We Protect Global Alliance

Como denunciar abusos online

A organização SaferNet tem um canal de denúncias anônimas. Para registrar um caso, é preciso acessar denuncie.org.br, colar o link do endereço da internet que a pessoa acredita que deva ser investigado e seguir os passos indicados na plataforma.

DICAS DE SEGURANÇA PARA PAÍS

• Fale sobre segurança na internet com crianças de todas as idades quando elas se envolverem em atividades online;

• Avalie e aprove jogos e aplicativos antes de serem baixados;

• Acompanhe o que seu filho ou filha acessam na internet;

• Use ferramentas de controle parental oferecidas pelas plataformas e aplicativos que seus filhos acessam;

• Verifique se as configurações de privacidade estão definidas no nível mais alto para sistemas de jogos online e dispositivos eletrônicos;

• Estabeleça regras sobre o uso da internet e mantenha os dispositivos eletrônicos em uma sala comum, aberta para todos da casa;

• Explique que as imagens postadas online estarão permanentemente na internet;

• A velha regra 'não fale com estranhos' também serve para a comunicação virtual; o Instagram tem um guia para pais, disponível em about.instagram.com/pt-br/community/parents.

Fonte: OI Global Brasil e SaferNet

MORTES

coluna.obituarios@folha.com.br

Foi referência dos sem-terra da Bahia

MÁRCIA MASCARENHAS (1980-2024)

Adriano Alves

JUazeIRO (BA) A professora Márcia Regina da Silva Mascarenhas colaborou durante anos com a formação de assentados do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) no interior da Bahia.

Ela foi uma referência entre a militância no estado, chegando a ser dirigente da Brigada Serão do São Francisco, na Regional Nordeste da Bahia. Antes, já tinha contribuído com diversos setores do movimento, como educação, gênero, cultura e comunicação.

Foi um amigo que fez o convite para conhecer o MST e ingressar no movimento pela reforma agrária. Primeiro, foi morar com o marido e um filho em ocupação em Casa Nova, o Assentamento Irani.

No começo foi bem difícil. Eles ficaram debaixo de lama, não tinham energia nem água. Ela entrava em contato com a prefeitura para conseguir as coisas, diz o filho João Ghabryel Bruno Mascarenhas, 24, sobre a mãe, que já se mostrava articuladora na comunidade.

As famílias, incluindo a de Márcia, foram despejadas após a reintegração de posse. Depois, acolhidas em um assentamento de Sobradinho (BA).

Fez inúmeras viagens representando o movimento em reuniões para discutir a reforma agrária.

Márcia nasceu em Juazeiro no dia 2 de fevereiro de 1980. Viu a família sobreviver às investidas da seca que a região enfrentou nas décadas de 1980 e 1990. Teve o primeiro filho aos 19 anos. Durante a vida, trabalhou para sustentar a família. Foi vendedora independente de cosméticos e trabalhadora rural na colheita da fruticultura.

Foi no serviço de campo que conheceu Ronaldo Luiz da Silva, com quem se casou e se uniu à batalha de vida. Tiveram dois filhos e trabalharam juntos.

Cristá, percebeu sua vocação para comunicação e liderança na igreja. Além de participar dos cultos, era professora na escolinha dominical e coordenou grupos de evangelização de jovens. Sempre foi muito comunicativa, sempre gostou de estar no meio de causas sociais, diz João Ghabryel.

Márcia já estava no MST quando se formou em pedagogia, em 2008. Começou a dar aulas para jovens e adultos, principalmente nas comunidades rurais.

Há três anos, ela enfrentava um câncer de mama. Fazia o acompanhamento em Salvador, onde ficava em uma casa de apoio que recebe pessoas do interior que estão em tratamento. Márcia morreu no dia 5 de janeiro, aos 43 anos, vítima de um AVC. Deixa o marido Ronaldo, 53, e três filhos, João Ghabryel, 24, Lucas, 22, e Daniel, 15.

Presença no Serviço Forasteiro Municipal de São Paulo
tel. (11) 3381-0100 - central 154
prefeitura.sp.gov.br/secretariadefunerais
Anúncio pago na Folha tel. (11) 3381-0100 - 154 ou 155
tel. 154 e 155 - 154 ou 155

Anúncio gratuito na seção Saúde
meio de acesso ao site para publicação
na 1ª página (154) ou sexta para
publicação em domínios
para telefone (11) 3381-0100
ou 154 em sites classificados
um número de telefone para
desseguir das informações

Justiça torna réus sete suspeitos do sequestro de Marcelinho Carioca

Francisco Lima Neto

SÃO PAULO Sete acusados de participação no sequestro do ex-jogador Marcelinho Carioca e de Tais Alcântara de Oliveira, amigo dele, em 17 de dezembro, se tornaram réus na Justiça de São Paulo. A decisão é de 14 de janeiro.

De acordo com Fabio Nelson, delegado da Divisão Antissequestro, no dia seguinte ao sequestro foram presos três homens e uma mulher. O dinheiro retirado do jogador passou pelas contas dos três primeiros. A última foi a responsável pelo cativo: o

reus para receber o dinheiro, de acordo com o delegado.

Os presos devem responder por extorsão mediante sequestro, associação criminosa e receptação.

Para a polícia, o grupo não sabia quem havia sequestrado, tomando conhecimento da identidade da vítima apenas no cativo. Eles teriam sido atraídos pelo carro que Marcelinho dirigia, uma Mercedes, o que seria submetido a uma roleta-russa.

Em um primeiro momento, ainda no dia 17, antes de o idolo do Corinthians ser dado como desaparecido, uma pessoa não identificada pela PM teria feito um pagamento no valor de R\$ 65 mil, supostamente a pedido de Marcelinho. De acordo com a PM, os sequestradores chegaram a pedir R\$ 300 mil.

Na tarde do dia 18, já resgatado pela polícia, Marcelinho afirmou que havia sido coagido pelos criminosos a gravar um vídeo em que disse ter sido sequestrado após sair com uma mulher casada. No vídeo, que viralizou em aplicativos de mensagem, Marcelinho aparecia com o olho novo e dizia que o oco do sequestro seria o marido da mulher.

A versão foi endossada pela mulher, que também aparecia no vídeo. Porém, segundo a polícia, a narrativa havia sido criada pelos sequestradores para despistar a polícia.

Ex-jogador Marcelinho Carioca ainda no cativo
Repórter



Aparelhos furtados encontrados em uma sala na rua do Glícero, no centro de São Paulo. Divulgação/Polícia Civil

Polícia de SP desmonta central de desbloqueio de celular furtado

SÃO PAULO Um jovem teve o celular furtado numa estação de metrô. Um médico teve o aparelho tomado de suas mãos de dentro de um Uber. Um supervisor de segurança teve o vidro de seu carro quebrado, e seu celular levado. Essas pessoas têm algo em comum: seus telefones foram achados em um imóvel na rua do Glícero, no centro de São Paulo.

Os três se cruzaram na última sexta (4), quando estiveram na sede do 9º CC (Corpo Especial de Repressão ao Crime Organizado) na região da rua 25 de Março, para retirar os pertences recuperados pela Polícia Civil.

Segundo agentes que participaram da investida, a polícia foi procurada por vítimas que indicavam a localização aproximada de seus aparelhos furtados, conforme aplicativos de segurança. A investigação chegou, então, a duas salas em uma galeria, onde havia 41 celulares roubados e notebooks usados para limpar os dados dos aparelhos — sem arquivos armazenados, os telefones ficam aptos para serem revendidos.

Na ação também foram apreendidos um tablet e outros computadores usados pelos criminosos para invadir as celulares e tentar acessar contas de banco e realizar transações financeiras.

De acordo com os policiais, oito pessoas foram detidas na ação, a maioria de estrangeiros. Após audiência de custódia, dois tiveram prisão preventiva decretada. Paulo Eduardo Dias